



Contemplar, acolher, transformar

Sinto-me fortemente interpelado, desde há vários anos, pelo facto de Jesus ter vivido oculto durante trinta anos e só ter dedicado três anos à vida pública. Um teólogo comenta - penso que com acerto - que durante os três anos de vida pública explicou o conteúdo dos trinta anos da vida oculta. Quanta importância têm os trinta anos vivendo "como mais um", no anonimato de Nazaré, metido simples e profundamente na realidade da vida quotidiana? Que mensagem nos quer dar? Podemos aceder directamente ao Evangelho sem passar pela experiência da encarnação na vida quotidiana, sem passar pela experiência do silêncio, da contemplação da realidade, a partir do olhar e do coração de Deus?

É verdade que a Palavra de Deus, contida no evangelho, detém uma força transformadora para todo aquele que vai até ela. Mas, se não se passa primeiro pela experiência do silêncio, da contemplação, de colocar o nosso coração e a nossa mente em atitude de abertura ao seu mistério, de perscrutar o devir, de aprendizagem humilde, será que seremos capazes de acolher com alegria a Palavra, que Deus sempre nos dirige no evangelho? Não correremos o perigo de extrair muitas e boas ideias do evangelho mas já ao ponto de o instrumentalizar para dar força ao que queremos, nós próprios, dizer?

O infinito amor que Jesus nos manifestou com a sua vida, sua morte e sua ressurreição foi sendo gerado durante muitos anos nesse seu olhar, tão profundo e compassivo, contemplativo da vida, da morte, da solidão, do amor, das festas e trabalhos dos seus conaturais. Tal como o imenso amor de uma mãe se cria durante os nove meses da gestação. Depois, esse amor há-de desenvolver-se e multiplicar-se em todas as circunstâncias, sobretudo nos momentos de dificuldade e de cruz. (...)

A realidade que vivemos, diz-nos J. Martin Velasco, está impregnada de "intranscendência", que aprisiona as pessoas no aqui e agora, fazendo-nos viver só para o imediato, sem qualquer necessidade de se abrir à Transcendência. Uma cultura do "divertimento", que arranca os indivíduos de si mesmos e os faz viver no esquecimento das grandes questões que o ser humano leva no seu coração. Uma cultura do "ter", que faz crescer o espírito de possessão, incapacitando as pessoas para tudo o que não seja desfrute imediato. Uma cultura que resvala do pluralismo para o relativismo e para a indiferença.

Esta cultura da intranscendência, do divertimento, do ter sobre o ser, conduz o homem para a experiência nihilista, proclamada por Nietzsche, que se traduz na sensação de vazio, desorientação e sem-sentido. Nesta situação, o homem não se sente chamado a partilhar porque não vê o outro como irmão.

Que fazer, diante desta crise radical do ser humano? Tendo tomado consciência desta dura realidade e depois de a olhar com os olhos do coração, quer dizer com amor, com o amor com que Deus a olha, devemos aproximar-nos da pessoa de Jesus que, com a sua vida e palavra, nos abre caminhos de vida em tudo o que fez.

A Cáritas, como igreja que é, sente a necessidade de que o amor de Deus chegue a todos os corações e ilumine as duras realidades pelas quais passam muitos irmãos nossos. São muitas as pessoas que sofrem à nossa volta.

Há, não o esqueçamos, muitos excluídos e marginalizados nos quais Jesus, o Senhor, quer ser acolhido. (...) Não poderemos acolher a Jesus no seu nascimento se não o acolhemos nos irmãos que sofrem. Vivamos com profundidade e simplicidade, como Jesus, como Maria, como José. A contemplação cristã leva-nos sempre à transformação da sociedade segundo os valores do evangelho.

Mons. Alfonso Milán, bispo de Barbastro-Monzón e responsável da Cáritas Espanhola na Comissão Episcopal da Pastoral Social (Cáritas, nº 477)

"É sobre o respeito dos direitos de todos que se baseia a paz"

Sob o título "A pessoa humana, coração da Paz", Bento XVI publicou a sua mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2007 (Dia 1 de Janeiro), tomando como premissa fundamental que o indivíduo humano, por ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, possui uma dignidade humana como dom e como tarefa de construção, a

lado, *as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais.*

Constituiu um elemento de primária importância para a construção da paz o reconhecimento da *igualdade essencial entre as pessoas humanas*, que brota da sua transcendente dignidade comum. A igualdade a este nível é, pois, um bem de todos inscrito naquela "gramática" natural que se deduz do projecto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz. As gravíssimas carências de que sofrem muitas populações, especialmente no Continente africano, estão na origem de violentas reivindicações e constituem assim um tremendo golpe infligido à paz.

A mesma insuficiente consideração pela *condição feminina* introduz factores de instabilidade no ordenamento social. Penso na exploração de mulheres tratadas como objectos e nas numerosas formas de falta de respeito pela sua dignidade; penso também — num contexto distinto — nas visões antropológicas persistentes em algumas culturas, que reservam à mulher uma posição ainda fortemente sujeita ao arbítrio do homem, com consequências lesivas da sua dignidade de pessoa e para o exercício das próprias liberdades fundamentais. Não devemos iludir-nos de que a paz esteja assegurada enquanto não forem superadas também estas formas de discriminação, que lesionam a dignidade pessoal, inscrita pelo Criador em cada ser humano. >



fonte: www.esthervantilburg.nl

qual, por sua vez, exige a paz como possibilidade e como consequência. O Papa dá particular importância a cinco pontos estruturais na construção de paz, a partir da dignidade humana:

1. Uma visão antropológica integral (e não reductionista e relativista) do homem;
2. O direito à vida e à liberdade religiosa;
3. A igualdade entre as pessoas, a nível social e sexual;
4. O respeito pela natureza e a sábia gestão dos recursos (com especial atenção para a questão nuclear);
5. O respeito (e cumprimento efectivo) pelo Direito Internacional.

Relativamente à igualdade social e sexual entre as pessoas, escreve Bento XVI:

«Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente as inúmeras injustas desigualdades ainda tragicamente presentes no mundo. De

entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas as *desigualdades no acesso a bens essenciais*, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro

Assembleia Diocesana sobre a Encíclica "Deus caritas est", de Bento XVI

No próximo dia 4 de Fevereiro decorre, na sede da Cáritas, em Coimbra, a XXXI Assembleia Diocesana de Grupos de Acção Social e Caritativa, para a qual são naturalmente convidados todos os serviços e estruturas da diocese ligados à acção social.

A Assembleia será orientada pelo Cónego João Lavrador, Pró-vigário Geral da Diocese e

professor no Seminário, e reflectirá sobre a primeira Encíclica do Papa Bento XVI, *Deus caritas est*, que, como é sabido, incide particularmente sobre a dimensão teológica e pastoral da caridade. Será, pois, uma excelente oportunidade para aprofundarmos o sentido do nosso trabalho e até para avaliarmos a nossa acção concreta pela grelha do próprio Bento XVI.

Festas de Natal na Cáritas

Esta página mostra, através das fotografias de algumas das muitas festas de Natal, o que significa este tempo na vida de uma instituição como a Cáritas de Coimbra, nas suas valências e nos serviços de si dependentes ou por si directamente estimulados e apoiados.

Cada uma destas festas tem a sua particularidade. Na sede, desde há muitos anos, há um aprofundamento

espiritual do significado do Natal (este ano esteve connosco o Pe Fernando Pascoal); nos Centros ligados aos idosos, prevalecem os pequenos apontamentos das tradições de natal e o contacto com outras gerações, nomeadamente os grupos de jovens (no Centro Rainha Santa Isabel, por exemplo, mais uma vez esteve presente o Grupo Cultural do Areeiro, onde o Centro está localizado); nos Equipamentos ligados à infância, tem sempre

relevo o teatro e a distribuição de presentes; nos bairros, no trabalho com os sem-abrigo ou outros grupos urbanos vulneráveis, prevalece o jantar. Para além do Natal, também a Passagem de Ano, sobretudo nos Lares dos mais novos (por exemplo, na comunidade terapêutica) é vivido com intensidade.

E para todos, uma nota comum: a comemoração do nascimento de Jesus de Nazaré.



Equipa da Sede



Voluntários do Voluntariado Hospitalar



Lar de Jovens de Santa Maria de Semide



Centro Comunitário de Inserção - Baixa de Coimbra



Comunidade Terapêutica (passagem de ano)



Centro Rainha Santa Isabel (C.R.S.I.)



Centro Comunitário de Cernache



Jardim "A Semente" (festa dos Reis no C.R.S.I.)

Cáritas Portuguesa visitou a nossa Cáritas Diocesana



No dia 18 de Janeiro, a Cáritas de Coimbra recebeu, na sua sede, uma delegação da Cáritas Portuguesa, no contexto de um programa de contacto directo e conhecimento próximo desta em relação às Cáritas diocesanas.

Para além de uma "visita relâ-

mpago" a alguns equipamentos sociais da Cáritas na cidade de Coimbra, e da reflexão sobre os caminhos de cooperação entre as diversas Cáritas, foram também largamente debatidas a identidade e missão de uma Cáritas Diocesana.

Uma reflexão para todos

O ano passado, o Papa Bento XVI publicou a sua primeira carta pastoral, que se debruçou - com surpresa de muitos - sobre a caridade, a partir do qualificativo bíblico de Deus como "amor". Só esta coisa de muitos "se espantarem" por o Papa ter escolhido esta temática, dá-nos que pensar. Então que temática mais cristã e mais urgente, ou que ideia de Deus mais transparente e profunda há aí, que arde sistematicamente o amor de Deus e a caridade cristã (indissociáveis!) para o bafo do sóto, aquele lugar semi-sagrado para onde são atiradas quase maquinalmente aquelas coisas que evocam ainda qualquer coisa de afectivo, mas demasiado incómodas para o dia a dia?!

Depois do espanto, ficam os comentários. O mais descabido de todos é dizer que a encíclica, afinal, não diz nada de novo! Diz, pois! Entre todas as novidades está, logo à cabeça, aquela de proibir atirar para o sóto com a caridade. Digamos que a partir de agora quem não assumir a caridade como valor pastoral primordial sabe, no mínimo, que não está em comunhão com o Papa... E não uma caridade qualquer, mas aquela que o Papa lá explica longamente!

Os mais directamente implicados com a caridade foram, naturalmente, aqueles que mais se agarraram ao texto, a ponto de levar outros, ao menos por dever de ofício, a dizer "que sim". Mas mesmo entre estes serão mais os que desconhecem o texto do que os que conhecem. O pensamento será mais ou menos deste tipo: "se aquilo (a Encíclica) é sobre a caridade, então é para os grupos sociocaritativos, para as conferências vicentinas ou para alguma misericórdia um pouco mais atenta a estas coisas da Igreja; para nós, que não pertencemos a nenhum grupo desses, que interesse tem?!"

A verdade é que a Encíclica "Deus é amor" não é doutrina para uma pequena parcela da Igreja. É doutrina para toda a Igreja, para todos

os cristãos. É doutrina para os catequistas, é doutrina para o Conselho Económico, é doutrina para os Leitores, é doutrina para o Grupo Coral, é doutrina para os técnicos de serviço social que trabalham nos Centros paroquiais de solidariedade social, é doutrina para as Comissões de Festas, e por aí fora.

A Cáritas Diocesana tem procurado promover o estudo desta encíclica e saúda com toda a estima outras pessoas que o têm feito (lembramos, por exemplo, as últimas crónicas "Fé e Compromisso" do Dr. José Dias). Mas falta aqui um passo grande que é o de passar da reflexão individual para o trabalho aprofundado nos grupos, e de passar dos grupos já sensibilizados para esta acção para todos os outros grupos/serviços pastorais. A Cáritas gostaria de, à semelhança do que já fez em Outubro e Novembro, voltar a fazer reuniões pelos arciprestados da diocese, ou até mesmo por paróquias, agora expressamente sobre esta encíclica, mas não (só) para os grupos já tradicionais nos seus encontros, mas principalmente para os outros grupos e agentes da intervenção comunitária.

Um telefone amigo

Na angústia, na solidão, no desespero, ligue 239 72 10 10, o SOS - Telefone Amigo



239 72 10 10

Acolher sem preconceitos as novas situações familiares entre os migrantes

De 12 a 14 de Janeiro, decorreu em Fátima o VII Encontro de animadores Sócio-Pastorais das migrações, numa iniciativa conjunta da Cáritas Portuguesa, da Obra Católica Portuguesa de Migrações e da Agência Ecclesia, fazendo incidir a sua reflexão sobre a Família.

Os participantes tomaram como principais constatações e propostas conclusivas as que se seguem:

CONSTATAÇÕES:

- A sociedade e o mundo das migrações precisa da visão humanizante e sobrenatural da família pois só nesse "centro nevrálgico da sociedade" (Bento XVI) a pessoa se pode desenvolver integralmente.

- Nas dioceses onde acontecem eficazes parcerias entre as estruturas da Igreja que trabalham com as migrações, e destas com o Estado e com a sociedade civil, notam-se resultados mais visíveis no serviço às famílias migrantes e na sensibilização das comunidades cristãs.

- Regista-se a realidade nacional de que 75% dos actuais fluxos migratórios acontecem, não por via laboral, mas antes pelo aumento do recurso ao canal legal do reagrupamento familiar.

- A fé e a religiosidade são factores de estabilidade na integração das famílias, na transmissão dos valores da vida, do amor, da identidade, da cultura, da educação e na sua trajectória de vida em terra estrangeira.

- Só através do serviço efectivo à família é possível uma visão global e humanista dos movimentos migratórios, assim como a prevenção e combate a comportamentos de exclusão.

- Há comunidades que já manifi-

festam uma particular atenção aos menores e às famílias com situações de irregularidade, mas é preciso ir mais longe.

PROPOSTAS:

- Flexibilizar o instituto jurídico do reagrupamento familiar no que diz respeito às exigências da habitação, dos meios de subsistência com vista à elegibilidade dos candidatos ainda a viver fora ou já em Portugal;

- Acolher activamente, sem preconceito, as novas situações familiares entre os migrantes: famílias monoparentais, uniões de facto, cônjuges sós, matrimónios mistos (culturais e religiosos);

- Estender a rede dos Consulados a todos os países de origem dos imigrantes, favorecendo a transparência no combate à corrupção e unificando procedimentos burocráticos;

- Concretizar, entre as famílias de imigrantes, a igualdade de tratamento e de acesso aos mesmos direitos de todas as famílias portuguesas;

Cáritas na net

A Cáritas Portuguesa vai ter uma nova localização na Internet, ligada à Agência Ecclesia. Este novo site ainda está em construção, mas pretende melhorar duas coisas: o acesso do público e a facilidade de gestão por parte de cada Cáritas Diocesana, pois deverá reflectir não só a unidade, mas também a nossa diversidade.

- Acompanhar a instituição do bilinguismo na educação, numa atenção activa à segunda geração das comunidades imigrantes;

- Dar atenção às famílias numerosas na população migrante, não permitindo que o acolhimento do valor da vida seja motivo de penalização e sobrecarga fiscal;



Imigrantes de múltiplas origens, na Diocese de Coimbra (foto de arquivo): "os imigrantes não são braços de trabalho, mas pessoas com afectos".

- Ir ao encontro daqueles que se encontram desprovidos da rede familiar, nomeadamente por parte das estruturas da Igreja: os sem abrigo, os reclusos, os irregulares, os deportados, os estudantes, os órfãos, os idosos, entre outros;

- Promover "contratos de acolhimento" das comunidades migrantes na Sociedade, porque os imigrantes não são braços de trabalho, mas pessoas com afectos, com projectos de vida individual e familiar;

- Instituir equipas de acolhimento e integração das famílias migrantes na comunidade local, com uma particular atenção aos filhos de imigrantes, e consolidar nas paróquias, movimentos de espiritualidade (especialmente familiar) e outras estruturas eclesiais de formação o acolhimento à sua identidade e itinerário de fé na proposta litúrgica, catequética e sacramental;

- Criar um grupo de trabalho para estudar a constituição de uma plataforma que represente a voz da Igreja

na salvaguarda do direito a viver em família e desenvolva acções concretas de acompanhamento dos casos que ofendem a dignidade familiar;

- Dar a conhecer aos movimentos e estruturas de Pastoral Familiar da Igreja a Carta dos Direitos da Família, proposta pelo Sínodo dos Bispos (1980) e proclamada há 24 anos, no que concerne às famílias migrantes.

Os participantes acolhem com optimismo as recentes mudanças na "lei de imigração" em prol do valor da família migrante e de particulares situações excepcionais de irregularidade, desejando, para breve, a regulamentação da mesma.

Os participantes estão convencidos de que "o exercício de viver em família, através da viabilização do reagrupamento familiar do núcleo da família migrante, constitui um expoente e medida da humanidade de uma política de integração de imigrantes".

Neste encontro, recordaram-se todos os que trabalham no apoio às famílias migrantes, nomeadamente o Presidente da Cáritas Portuguesa, Eugénio Fonseca, cujo estado de saúde o impediu de estar presente. Por todos oramos, para que o trabalho de cada um e em comunidade possa acolher e integrar cada pessoa, cada família.

Neste encontro foi anunciada, em conferência de imprensa, a realização do V Fórum das Migrações da Caritas Europa em Portugal. Decorrerá entre os dias 20 e 22 de Setembro de 2007, coincidindo com a Presidência Portuguesa da Comunidade Europeia. "Construir pontes ou barreiras", será o tema em debate neste Fórum.

Curso de Voluntariado Hospitalar

Voltamos a lembrar todas as pessoas interessadas que a Cáritas Diocesana vai promover nas noites de 19 a 22 de Março, na sua sede, em Coimbra, um Curso de formação para novos voluntários

nos Hospitais da Universidade de Coimbra. A participação no curso e no estágio posterior é obrigatória para se poder fazer o voluntariado ligado à Cáritas.

As inscrições devem ser feitas para a Cáritas Diocesana.

Pausa

Entre a razão e a emoção

No referendo ao aborto voto não, num misto de emoção e razão. Quanto à razão, coloco assim o problema: a vida humana não é só mecanismo biológico, mas é distintamente relacional. Se fosse puro mecanismo biológico, todas as perguntas eram passíveis de ter uma resposta de um mero sim ou não. Sendo distintamente relacional, todas as perguntas, quando respondidas honestamente, exigem respostas complexificadas, irredutíveis ao tudo branco ou tudo preto. Ou seja, se me colocassem a pergunta contrária, "concorda que todo e qualquer aborto até às 10 semanas directamente provocado a pedido da mãe deve ser criminalizado/penalizado?", eu continuaria a responder "não". Entre o "branco" e o "preto" da questão, há a questão concreta que exige, para ser respondida com honestidade, um imenso espaço de reflexão, de juízo e de opção, sempre passível de erros, mas tornada profundamente humana. É, portanto, uma questão de honestidade de resposta que está em causa. Ora, acontece que a actual lei do aborto permite e exige esse exercício de honestidade. Nesse sentido é uma lei profundamente humana, cuja filosofia ninguém, racionalmente - da esquerda à direita, dos conservadores ao revolucionários - alguma vez pôs em causa, mesmo que se possa discordar deste ou daquele pronunciamento concreto.

Então, onde é que a lei está posta em causa, para ser referendada pela segunda vez a liberalização do aborto? Na minha muito humilde opinião, parece que só pode ser ao nível político e ao nível económico. Eu sei que há gente a lutar convictamente pelo sim. Mas a fonte, a nascente real donde irrompe a questão, não é tão convicta assim. É meramente política e económica, tanto quanto a nossa compreensão permite alcançar. Ao nível político, com alguns partidos a pretenderem (e conseguem?!), fracturar os partidos tradicionais do poder; ao nível político ainda, com outros partidos cada vez mais convertidos a Gramsci, na convicção de que o caminho mais rápido para a revolução é a destruição da cultura. Ao nível económico, basta ver a movimentação das clínicas abortivas espanholas e a cobertura que lhes é dada pela comunicação social. Quem paga? No fundo, são jogos de poder e de ter. Só que a pelota são fetos humanos e dramas profundos de homens e mulheres concretos, meus irmãos, minhas irmãs. A minha emoção recusa até ao mais profundo do meu ser acobardar-se diante desse jogo. Voto não.

Depois do voto, todavia, sobra sempre o que está antes. Nem o "não", nem o "sim", apagam o fogo da floresta que está a arder. Podem orientar o nosso diagnóstico, mas não são nenhum remédio. Quando se diz (por quem sabe) que só na Av. Fernão de Magalhães (Coimbra) existem mais de 30 casas de prostituição, muitas alimentadas largamente com mulheres completamente desenraizadas (imigração), quando a agressão sexual dos mass media é contínua, quando o livre arbítrio sexual se tornou tabu e o sexo é a primeira coisa a fazer, na primeira mesa que se encontrar livre, com o primeiro parceiro disponível..., a floresta está realmente a arder. Há muita gente boa e muita instituição a apagar este fogo, acolhendo crianças, orientando mães adolescentes, etc. Mas o fogo está a ser lançado por todo o lado e com meios extremamente poderosos. Era bom, por isso, ver a sociedade (com os seus políticos e fazedores de opinião à cabeça) preocupada primeiro em não o atear! E logo a seguir, preocupada em apagar os inúmeros focos activos. E logo depois, a planificar a sua prevenção. Essa, sim, seria uma atitude de inteligência.

NEVES

Cáritas 2007

Pela dignidade, igual oportunidade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - n.º 347

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Cáritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.

GASC de Mortágua

Natal Fraterno



"Natal fraterno" - uma iniciativa dos GASC de Mortágua e Sobral

É tempo de fraternidade, de alegria, de amor e de louvar a Deus pela graça enorme que nos concedeu ao oferecer-nos de presente o Seu próprio Filho - Jesus

Nesta data bendita que marca as nossas vidas, as famílias, mesmo as mais dispersas, procuram unir-se, partilhando emoções, presentes... confraternizando.

Mas há aquelas que vivem em solidão, que não têm família ou estão longe do seu país, das suas raízes - os imigrantes.

Foi para estes que os Grupos de Acção Sociocaritativa de Mortágua e Sobral organizaram, na noite de 17 de Dezembro, o "Natal Fraterno".

Foi um encontro de uma família alargada. Cerca de 80 pessoas

(portugueses, brasileiros e são-tomenses) viveram, antecipadamente, uma agradável e fraternoite de consolação.

Os rostos reflectiam a alegria e a boa disposição dos corações desanuviados. Naqueles momentos felizes em que se sentiram acolhidos, amados, respeitados e compreendidos, esqueceram as saudades do seu país e a ausência da família.

Entre uma ementa simples, um Pai Natal que não se esqueceu de aparecer e uma animação natalícia preparada pelo nosso Grupo de Escuteiros, passaram-se umas horas inesquecíveis, repletas de alegria e calor humano. Também a gente jovem de São Tomé e do Brasil animou a festa, cantando e dedilhando a sua viola.

Para alguns é já o terceiro ano que partilham connosco este Encontro. Aqueles que vieram pela primeira vez, logo se integraram e sentiram em família. As suas palavras de gratidão, a sua simpatia, encheram os nossos corações.

Aconteceu NATAL nesta noite mágica! Pois Natal é dardmos, é vermos no outro o rosto amoroso do Menino Jesus nascido, é lembrar os esquecidos e ir ao seu encontro, é abrir o presépio do nosso coração, acolhendo, é AMAR... muito, sempre e a todos.

Bem-haja a todos aqueles que contribuíram para a concretização deste ENCONTROFRATERNAL.

Grupos de Mortágua e do Sobral
Lúcia Parda

Despojar-se e empobrecer-se

Volto ainda ao natal. Sim, agora talvez já possamos falar dele em paz! O que se passa no nascimento de Jesus é algo de absolutamente desconcertante: o Filho de Deus despoja-Se dos atributos que o diferenciam de nós, como a glória, o poder, a onisciência... Despoja-Se e empobrece-Se. Fica tão dependente da criação e tão pobre de relação como nós. A partir daí, toda e qualquer religião ou igreja que se reclame deste Deus, está vinculada para sempre a esta atitude: despojar-se, empobrecer-se. Esta é para nós, então, uma atitude permanente que, por isso, não se reduz ao tempo de Natal. Mas o Natal é um tempo para avivar em nós esta consciência. No Natal de 2006 ficou mesmo mais viva?

O problema parece ser que se viver estas atitudes durante o ano já é difícil, então em tempo de Natal, pressionados pelo consumismo até ao tutano, parece praticamente impossível. Pese toda a boa vontade que possamos dar a um conjunto de valores ainda fortemente associados ao natal (família, gestos de solidariedade,

amizade, ternura, crianças...) cada vez mais tais valores aparecem como meios de consumo e não como fins do amor...

De repente percebemos que o Natal nos coloca diante de uma lógica que não é a lógica comum e imediata; percebemos que esta identificação com o Menino que nasce é um desafio que fica sempre à nossa frente, uma meta nunca alcançada, uma construção que nunca daremos por concluída. Percebemos sobretudo que a pobreza do presépio é tão pura que somos indignos até de a contemplar!

Apesar disso, Deus aposta em nós e entrega-se a nós. Se o faz, é porque acredita que nós seremos capazes de caminhar para Ele; é porque acredita que nós seremos capazes de nos despojarmos e nos empobrecermos, para tornarmos os outros ricos do Seu amor.

Felizes os que assim celebraram o Seu nascimento. Eles ensinam-nos a viver o Natal.
Carlos Joaquim